

PIOR QUE O ESPERADO

Mil novecentos e noventa e oito foi um ano pior do que se esperava para a economia brasileira. Contrariando as estimativas, já pessimistas, de crescimento de 0,5% feitas por economistas e pelo próprio governo, o Produto Interno Bruto (PIB) nacional cresceu apenas 0,15% em 1998, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Foi o pior resultado desde 1992, quando a economia apresentou queda real de 0,54% (ainda no governo de Fernando Collor). Em 1997, o Brasil crescera 3,68%.

Cálculo ainda preliminar do IBGE — o número definitivo deve sair somente em julho — revela que a produção nacional de bens e serviços atingiu R\$ 901 bilhões em 1998, contra R\$ 866,827 bilhões no ano anterior. Considerando o dólar médio de 1998 (R\$ 1,1605), o PIB brasileiro caiu de US\$ 804 bilhões para US\$ 776,7 bilhões — número inferior aos US\$ 780 bilhões divulgados no início deste ano pelo Banco Central.

A renda per capita nacional — que em 1997 ultrapassara pela primeira vez os US\$ 5 mil — voltou a cair. Passou de US\$ 5.037 (R\$ 5.430) para US\$ 4.798 (R\$ 5.569). O aumento da renda na moeda nacional é resultado da correção do PIB per capita pela inflação. Contudo, descontando-se o crescimento da população brasileira em 1998, houve queda real de 1,12% na renda. Em dólar, a redução foi de 4,7%.

O mau desempenho da economia no ano passado foi resultado da forte retração registrada nos dois últimos trimestres do ano. O PIB — que já caíra 1,55% no terceiro trimestre em relação ao segundo — recuou 1,64% de outubro a dezembro. Segundo o IBGE, desde 1995 o país não apresentava dois trimestres seguidos de queda. Nos três últimos meses de 98, todos os setores que integram o cálculo do PIB tiveram variações negativas: agropecuária (6,45%), indústria (-2,45%) e serviços (-0,65%).

“Sabíamos que o comportamento do PIB dependeria do desempenho da indústria de transformação. A queda do setor foi muito maior do que o esperado, por isso o PIB cresceu menos”, diz Roberto Olinto Ramos, chefe da Divisão de Planejamento do IBGE.

JUROS

De fato, a indústria de transformação caiu nada menos que 3,29% em 1998. É o indicio de uma retração violenta, em consequência do aumento dos juros e da queda no consumo interno. No ano anterior, mesmo com a crise da Ásia, que abalou a economia brasileira no último trimestre, o setor crescera 4,2%.

Contudo, a indústria extrativa mineral teve crescimento de 9,04% no ano passado, resultado do aumento da produção de petróleo pela Petrobras. Também as empresas de serviços públicos (basicamente energia elétrica) tiveram desempenho positivo de 4,16%, devido aos investimentos pós-privatização. Outro dado que chama a atenção no desempenho do PIB é a queda de 3,39% nas atividades comerciais e de 0,23% nas

lavouras. A agricultura — ao lado da produção animal, dos serviços de comunicações e da indústria extrativa mineral — está entre os poucos setores com possibilidade de crescimento este ano.

“Há boas perspectivas para o setor exportador. Já a indústria de transformação deve continuar em queda, especialmente no primeiro trimestre. Não é seguro fazer previsões nesse momento de instabilidade, mas o Brasil atravessa um processo contínuo de queda da atividade econômica”, disse o diretor do IBGE.

REAL

A retração imposta ao país desde os últimos meses de 1997 interrompeu a tendência de recuperação econômica, que vinha desde a implantação do Plano Real. Na década de 90, segundo o IBGE, a economia brasileira acumula crescimento médio de 22,59% (equivalente a 2,58% ao ano). Nos quatro anos do Plano, a taxa acumulada é de 10,1% (2,43% ao ano).

Considerando a série com ajuste sazonal, o PIB apresentou variação negativa de 1,64% entre o quarto e terceiro trimestre de 98, resultado que incorpora principalmente os efeitos do aumento da taxa de juros no terceiro trimestre. Desde o terceiro trimestre de 1995, a variação sazonalmente ajustada do PIB não apresentava queda por dois trimestres consecutivos.

Mas para Olinto Ramos ainda é cedo para caracterizar como processo recessivo o último semestre de 1998. O economista preferiu usar eufemisticamente a expressão “queda contínua da atividade” para não utilizar o termo “recessão”. “Este é um termo que ganhou uma conotação muito maldita”, comentou, acrescentando que há muitas divergências ainda sobre a caracterização do processo recessivo.

Na análise do economista, 1998 foi marcado pela posição cautelosa dos mercados em relação ao Brasil. “Ao final do ano, o objetivo do governo centrava-se no equilíbrio das contas públicas, postergando o crescimento da atividade econômica para um ambiente de maior tranquilidade.”

Os setores de comunicação, extração mineral e lavoura devem continuar crescendo ao longo deste ano, de acordo com a avaliação de Olinto. Ele acrescenta, no entanto, que a perspectiva é de queda na indústria. Mesmo assim, o técnico considera que o setor não terá um comportamento uniforme. Segundo ele, é possível que haja uma melhoria no desempenho nas indústrias voltadas para o setor de exportação e também naquelas que produzem mercadorias que substituirão artigos importados.

Olinto ressalta que a perspectiva é de queda na indústria que depende diretamente do crédito, como a de bens de consumo e de bens duráveis. Não fez projeções sobre o percentual de retração da economia este ano, mas admitiu que “uma queda de 2% é um chute não muito chocante”. O diretor do IBGE comentou que quando os analistas fazem uma previsão de retração do PIB de 5%, esse percentual precisa de ser mito bem qualificado.

Adauto Cruz 8-10-96



Exceção: a indústria extrativa mineral cresceu 9,04% em 98, graças ao aumento da produção de petróleo pela Petrobras

